



ILUSTRACIÓN: *Maletas*

AUTOR: Carmen Franco-Vázquez

## Literatura timorense em língua portuguesa: os caminhos da consolidação

Ana Margarida Ramos

[Recibido, 8 xaneiro 2018; aceptado, 20 febreiro 2018]

<http://dx.doi.org/10.15304/bgl.52.4539>

**RESUMO** Pretende-se, com este estudo, traçar os rumos contemporâneos da literatura timorense em língua portuguesa nas últimas décadas, caracterizando o seu processo de emergência e primeiras tentativas de consolidação no contexto das literaturas pós-coloniais. Este estudo centrar-se-á na análise das produções mais recentes de Luís Cardoso e João Aparício, as duas vozes que, de forma mais consolidada, respetivamente no romance e na lírica, espelham as tendências da literatura timorense contemporânea. Palavras-chave: literaturas pós-coloniais, romance, poesia, tendências contemporâneas.

**ABSTRACT** This text purpose is to characterise the contemporary trends of East Timor literature written in Portuguese, in the context of post-colonial literatures, by reflecting on its recent evolution, namely the process of slowly consolidation. The main authors analysed will be the novelist Luís Cardoso and the poet João Aparício, who published recently new books which reflect the on-going developments of East Timor literature.

Keywords: postcolonial literatures, novel, poetry, contemporary trends.

5

### Introdução. Emergência e consolidação da literaturas pós-coloniais

Os estudos sobre as literaturas pós-coloniais constituem já verdadeiras bibliotecas, devido não só ao interesse crescente dos especialistas pelas produções literárias dos países cuja existência foi moldada pela experiência colonial, mas também pela assinalável presença das literaturas de contextos geográficos, linguísticos e culturais não dominantes no panorama literário internacional, suscitando curiosidade junto do público. Nos últimos anos, vários autores oriundos de países colonizados pelas potências europeias, como Inglaterra,

França, Portugal e Espanha, têm conhecido um sucesso assinalável, ajudando a moldar de forma visível as tendências globais da literatura contemporânea. A distinção destes escritores com o Prémio Nobel da Literatura, entre outras distinções assinaláveis, como aconteceu com Patrick White (Prémio Nobel, 1973), Wole Soyinka (Prémio Nobel, 1986) ou Nadine Gordimer (Prémio Nobel, 1992), é sintomática do seu relevo na conformação das tendências da literatura contemporânea, cada vez mais marcada pelas ideias de questionamento, da valorização das vozes e dos contextos silenciados, das vítimas e dos subalternos. A distinção entre os vários projetos coloniais, com especificidades próprias, tem vindo a ser sublinhada pelos especialistas (ver Santos, 2003; Cunha, 2009/2010), inviabilizando a transposição cega das conclusões gerais da teoria pós-colonial, na sua maioria decorrente do estudo do colonialismo britânico (McLeod 2007: 11):

In recent years, however, significant work in postcolonial studies appeared in (for example) francophone, hispanic and lusophone intellectual contexts. The field's centre of gravity is shifting, so that postcolonial studies is now more generally alert to the *different european empires*, and their legacies, which shaped european colonialism and made it a *variable* phenomenon – as well as the wide variety of postcolonial cultural practices throughout the world which have emerged from French, Spanish, Portuguese, Dutch and (not just) British colonialism and often, but not exclusively, in (versions of) these transplanted European languages and artistic conventions.

A literatura em língua portuguesa não tem sido estranha a este movimento global, e autores como Mia Couto ou José Eduardo Agualusa, por exemplo, têm sido alvo de reconhecimento e a visibilidade da sua obra é cada vez mais significativa. O primeiro foi distinguido em 2014, um ano depois do Prémio Camões, com o Neustadt International Prize. O segundo somou, este ano, a outras várias distinções, o prestigiado International Dublin Literary Award.

Os estudos sobre a evolução e os desenvolvimentos das literaturas pós-coloniais mais avançadas definem etapas de afirmação distintas, desde os textos produzidos por figuras relevantes da potência colonizadora, mesmo se estabelecidas ou literariamente localizadas no espaço e na cultura colonizada, até à produção independente e autónoma, muitas vezes realizada nas línguas locais, claramente diferente da literatura da potência colonizadora, mas reescrevendo obsessiva e constantemente essa experiência de colonização. Etapas intermédias incluem as primeiras produções nativas, da autoria de figuras

relevantes e educadas na metrópole, que, apesar do potencial de inovação que as caracteriza, ainda são realizadas sob a tutela do colonizador.

A questão linguística – mais estudada no contexto do uso do inglês – é inseparável do processo de construção e afirmação das literaturas pós-coloniais, emergindo das periferias (geográficas, culturais e sociais) em confronto (mas também em diálogo) com o centro do sistema literário, a tradição e cânone.

A variedade de contextos pós-coloniais, com experiências e percursos diversos, em estádios de evolução muito diferentes, não permite uma identificação definitiva das marcas caracterizadoras destas literaturas nascidas da experiência colonial, ainda que seja justamente essa experiência que a une sob esta designação. As relações com as literaturas dos impérios ou metrópoles, a afirmação de línguas e culturas autóctones, a experiência de guerras e conflitos bélicos que conduziram à autodeterminação são outros fatores decisivos para a sua construção.

As relações entre o centro do sistema e as suas margens tem, no caso das literaturas pós-coloniais, implicações de vária ordem, incluindo, para além das estritamente literárias e culturais, as políticas, geográficas, económicas e sociais. A relação de poder, mesmo que simbólica, é crucial para a compreensão plena das relações entre as literaturas periféricas e emergentes. Para os autores do *Diccionario de Termos Literarios* (GLIFO s/d),

Os estudos poscoloniais definen a dominación como o resultado das relacións de forza ou de imposición cultural exercidas pola metrópole sobre as colonias, e describen as repercusións desta forza sobre a cultura dos colectivos colonizados a través da análise dos procesos de socialización. A alfabetización, que a miúdo supón a imposición da lingua e do sistema de valores dos colonizadores, é un dos procesos cuxas implicacións ten merecido máis análises por parte dos teóricos vinculados ao poscolonialismo. A crítica poscolonial adoita subliñar o alcance dos modos de dominación cultural, mostrando o xeito no que os poderes político e económico precisan de certos mecanismos de lexitimación, entre os cales a literatura ten desempeñado historicamente un importante papel.

## **Literatura timorense: da emergência às tentativas de consolidação**

Apesar de a literatura timorense partilhar várias características das literaturas pós-coloniais dos países africanos de língua portuguesa (Gonçalves, 2010), vários fatores conjunturais e sistémicos singularizam a produção lite-

rária timorense e explicam o lento processo da sua emergência (Mendonça, 2010) e tentativa de consolidação. Como já procurámos sistematizar em reflexão anterior (Ramos, 2012b), a invasão (seguida da ocupação) indonésia condicionou a relação com a língua portuguesa, com a qual não houve tempo ou oportunidade de fazer uma rutura efetiva, já que passou, de forma quase instantânea, de língua do colonizador a língua da resistência.

Será justamente esse processo de resistência interna e de intervenção externa que marcam a emergência da literatura timorense, intimamente ligado ao texto lírico, de que a coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1982), publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos (UEA), é, pela diversidade de vozes nela reunida, o exemplo mais paradigmático (Esperança, 2005). Merecem destaque, dentro deste volume, pela consistência de um projeto literário diferenciado, os textos de Jorge Lauten, cuja qualidade poética e ressonância metafórica supera largamente a leitura contextual, traduzindo anseios e sugestões de âmbito universal.

8 Com um percurso literário autónomo assinalável, Fernando Sylvan<sup>1</sup> é, possivelmente, um dos autores timorenses mais relevantes da segunda metade do século XX, e a sua obra, construída praticamente toda em Portugal, espelha bem o percurso político do território, desde a presença colonial à ocupação indonésia, dando voz poética aos desejos de emancipação de um povo.

As questões do exílio e da diáspora cruzam-se amiúde com a literatura timorense, marcando os percursos pessoais dos escritores e deixando traços indelévels nas suas obras. A condição de exilado é marcante, por exemplo, nos textos de Sylvan, João Aparício e mesmo de Luís Cardoso, mesmo se o afastamento de Timor-Leste, no caso deste último, já resulta de outros fatores que não os do contexto político do país, que entretanto conquistou a sua independência.

A obra de Luís Cardoso, no âmbito do romance, constitui o exemplo cimeiro da posterior afirmação da narrativa ficcional timorense, alvo de vários estudos, a maioria dos quais fora do espaço de Timor-Leste. Os vários romances que publicou até ao momento espelham a problematização das questões identitárias de várias ordens, tendo como pano de fundo a História

---

<sup>1</sup> Sobre alguns aspetos da poética deste autor, ver Ramos, 2012a.

do território, as memórias de infância e juventude e os dilemas existenciais de protagonistas que cruzam limiares diversos de afirmação e construção pessoal. Timor-Leste, à semelhança do que acontece com vários outros autores contemporâneos, transforma-se em personagem transversal das narrativas, centrando as grandes questões globais num espaço limitado concentrado e reduzido, muitas vezes à deriva, onde desaguam todas as diversidades e conflitos possíveis delas resultantes.

Merece referência, mesmo se não estando incluída neste estudo, a produção literária de autoria timorense escrita em tétum, que tem surgido, de forma pontual e circunscrita, em publicações digitais, como blogues, mas também em livros. Para além da edição de algumas obras bilingues, como aconteceu com Crisódio Marcos, que deu à estampa *Plantámos a nossa independência no chão duro de Santa Cruz* (2014), uma publicação que procura render homenagem ao movimento de resistência timorense, veja-se, por exemplo, o projeto editorial da Timor Aid, responsável pela edição de obras<sup>2</sup> distinguidas no concurso “Istoria Timor”, onde surge, por exemplo, em 2012, o romance *Inan ne’ebé iba bosok walu*, de Ariel Mota Alves. O surgimento de novos (e jovens autores), a escrever quer em português, quer em tétum, quer em ambas as línguas, tem estado associado a prémios literários, como o Ruy Cinatti, instituído em 2010 pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, que já permitiu dar a conhecer as obras *Sou nada ou nada sou?*, de Cidália da Cruz e *O Parnaso Timorense*, da autoria de Nito Mesquinho.

Em síntese, e apesar do caminho já percorrido, com o surgimento de novos autores e novas oportunidade de publicação, mantêm-se os constrangimentos já identificados anteriormente (2012b), ligados à ausência de publicação e circulação de literatura em Timor-Leste fora do circuito de uma reduzida elite social e cultural, com ligações a Portugal. Os autores mais relevantes, aliás, não só é em Portugal que editam, como estão associados a movimentos de exílio e/ou diáspora, mesmo se, entretanto, fruto das circunstâncias políticas, se verificaram alguns regressos.

A condição emergente da literatura timorense mantém-se visível na associação das publicações a prémios, na necessidade do recurso a prefácios

---

<sup>2</sup> Outras obras com esta chancela foram *Ha’u maka Lukas*, de Teodósio Batista Ximenes, e *Iha nafatin dalam atu fila*, de Maximus Tahu.

e outros paratextos legitimadores a introduzirem as obras e os seus autores, reforçando o interesse a validade das publicações, algumas delas de cariz mais documental do que verdadeiramente literário. A questão da identidade, entendida em sentido global (linguística, nacional, cultural...), continua a ser o tema por excelência da literatura timorense, em busca do seu lugar no mundo lusófono e no contexto internacional.

## **Vozes de referência no panorama literário timorense em língua portuguesa**

### **a) Da ressonância interventiva à exaltação amorosa: caminhos da poética de João Aparício**

Mais de década e meia volvida sobre a publicação dos volumes *À janela de Timor* (1999) e *Uma casa, duas vacas* (2000), ambos publicados na Editorial Caminho, João Aparício volta a editar poesia numa chancela portuguesa, desta vez na Lidel, responsável por vários outros livros relacionados com Timor-Leste. A evolução em relação aos volumes inaugurais é visível tanto ao nível do conteúdo como da forma, sem esquecer a própria identidade das coleções<sup>3</sup> que enquadram as publicações e que também fornecem indicadores relevantes do ponto de vista das expectativas de leitura.

A diferença mais evidente consiste do apagamento da dimensão interventiva dos primeiros livros, claramente conotados com a luta timorense pela independência e autodeterminação, a que não era alheia a condição de exilado do poeta, em favor do crescimento da temática amorosa, claramente estruturante na coletânea mais recente. O atual contexto político e social explicará a evolução temática, ainda que se mantenham as referências toponímicas habituais, agora transformadas em espaço de encontro dos amantes. Apesar do regresso a Timor-Leste, onde desempenhou funções de assessoria junto do Presidente Taur Matan Ruak, depois de ter trabalhado, no período da pós-independência, na Embaixada em Lisboa, autor continua a publicar os seus livros em Portugal, à semelhança de outros escritores oriundos de países de língua oficial portuguesa.

---

<sup>3</sup> Note-se, ainda, a opção questionável, em resultado da inadequação da técnica, das cores e da fisionomia das personagens, pela inclusão de três ilustrações, da autoria de Victoria Skachek, realizadas digitalmente, e que propõem uma reinterpretação visual de três motivos centrais da coletânea.

A grande maioria dos 17 poemas reunidos neste volume apresenta um destinatário explícito, sob a forma do pronome pessoal tu ou do nome próprio – Anastácia, que, implicitamente, será identificada com *A Neta do Almirante*, que dá nome ao livro. Trata-se de uma opção curiosa por parte do sujeito poético, explorando as possibilidades do jogo de identidades, ocultando e desvelando aspetos da sua intimidade. No poema “A arte da conquista”, este tema da ocultação e do desvelamento parece também central no próprio jogo amoroso, de sedução e conquista, revelador do âmago da coletânea, uma espécie de elogio à mulher amada.

Esta questão está fortemente relacionada com a temática central do volume, associada à exaltação amorosa, de sugestão sensorial, ligada à sublimação da mulher amada, cujo corpo se confunde, amiúde, com o próprio território do país reencontrado. A dimensão sensorial de alguns textos e as alusões ao encontro físico dos amantes lembra poemas de temática amorosa de Fernando Sylvan, nos quais é celebrado o prazer físico, de ressonância erótica, que resulta da harmonia dos corpos.

Às breves separações dos amantes, seguem-se os celebrados reencontros, comunhão de corpos e espíritos. Subjacente ao volume parece estar o deslumbramento do regresso (que se confunde com o reencontro dos amantes), conduzindo a um olhar novo sobre as paisagens espaços. Enquanto poemas de pós-exílio, os textos são ainda percorridos por uma (po)ética da esperança, a que não é alheio o contexto atual do país, marcado pela estabilidade, claramente diferente das referências à resistência e ao sofrimento do povo das duas primeiras coletâneas. Outras alterações residem, por exemplo, na ausência de palavras e expressões em tétum (a única exceção é a referência à *uma lulik* no poema “Na tua cadeira”), as referências históricas e cronológicas a momentos concretos, todas muito marcantes nos volumes inaugurais, inscrevendo os textos na História e num contexto particular. As referências toponímicas são, também agora, menos frequentes e mais genéricas, circunscritas a Díli (Bidau, Lahane), com referências pontuais ao Ramelau, além de Laleia e Bagueia, ou referindo-se simplesmente a Timor. Trata-se, em todo o caso, de alusões que visam aludir a paisagens (quase todas idílicas, associadas às montanhas, florestas, arrozais, mas também às praias, ao mar...), construindo uma espécie de geografia poética do território que é sistematicamente exaltada. As referências ao corpo feminino completam essa paisagem, uma vez que a mulher amada se confunde com o território, sendo também espaço e terra aos

quais o sujeito poético retorna. As alusões a elementos da flora local também inscrevem os textos no contexto timorense, como acontece com a acácia, o jasmim, as orquídeas, o sândalo, o arroz, o trigo e o milho.

Os poemas apresentam elementos de uma estrutura dialogada, uma vez que o sujeito poético invoca repetidamente um tu identificado que parece responder-lhe por gestos e ações concretas (“escondes-te”, olhas-me”, “abraças-me e, em casos concretos, pelo discurso reportado (“É tu, serena, me respondes: / Só dois minutos”; “Chamas-me pelo nome”; “Ouço-te dizer: não vai ser possível”). As exclamações frequentes, as interjeições, os vocativos e as reticências que percorrem os poemas, na sua maioria breves, sublinham o registo exaltante da coletânea, uma espécie de sublimação poética da fusão da realização amorosa e do regresso ao território de origem.

### **b) A reconstrução literária da identidade nos dois últimos romances de Luís Cardoso**

Figura incontornável na produção literária timorense, Luís Cardoso é autor de uma obra romanesca<sup>4</sup> cuja solidez se reflete nas traduções, distinções e estudos que lhe têm sido dedicados. Este estudo centra-se nos dois últimos romances do escritor, reveladores da consolidação de um projeto de ficção romanesca singular, ancorado na interseção das tendências contemporânea do romance, com um imaginário peculiar, forjado nas memórias e na herança das tradições e do imaginário timorense.

Terceiro volume de um tríptico composto por *Crónica de uma travessia e Requiem para um navegador solitário*, o volume *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, publicado em 2013, veio confirmar a qualidade e a originalidade da escrita de Luís Cardoso, assim como a sua maturidade literária, assumindo de forma definitiva Timor como o grande tema – talvez mesmo a grande personagem – da sua obra. Nos três volumes anteriores referidos, é visível, desde os títulos, a centralidade do conceito de viagem, estruturante do ponto de vista da organização das narrativas. São múltiplas as viagens (em vários sentidos, literais e simbólicas) que as personagens fazem. O próprio

---

<sup>4</sup> *Crónica de uma travessia – A Época do Ai-Dik-Funam* (1997), *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (2001), *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003), *Requiem para o Navegador Solitário* (2007), *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013), *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017).

país, metade de uma ilha, simboliza igualmente esse cariz itinerante, avançando, naufrago, como refere Isadora (p. 103), muitas vezes à deriva, pelos mares, pelos tempos, pela própria História. Nas viagens, algumas aludidas nos romances, é ainda possível cruzar tempos históricos muito diferentes, por isso elas realizam-se ou projetam-se (através da memória ou do desejo) no espaço e no tempo. Por vezes, fundem-se, confundem-se, interpenetram-se. Há cinco séculos é ontem, há cinquenta anos também. É, por isso, possível falar da chegada dos colonos portugueses, da circum-navegação de Fernão de Magalhães, da invasão japonesa, da viagem do navegador solitário, da do Arbiru, do Lusitânia Expresso numa única história. A condição do viajante, pela diáspora, pelo exílio, pela fuga para engrossar as hostes da resistência, é familiar ao timorense, uma espécie de povo caminhante, peregrino, pela sua própria História.

Depois de termos acompanhado o período colonial português e a invasão japonesa, nos romances anteriores, é agora a altura de visitar o período da ocupação indonésia e do percurso doloroso para a libertação. Com a independência ainda relativamente recente, esta revisitação faz-se sobre terreno instável, de cicatrização fresca. E, contudo, o autor consegue descobrir estratégias narrativas capazes de iluminarem, muitas vezes através de metáforas e simbolismos muito particulares, a História contemporânea, contribuindo assim, como nenhum outro escritor (uma exceção para a *Peregrinação de Emanuel Jhesus*, de Pedro Rosa Mendes, outro livro onde a viagem é o elo estruturante da narrativa) para a reflexão e consequente questionamento sobre a identidade timorense, problematizando as relações com os vários ocupantes, claramente à procura de um sentido para a sua História e de redenção para o seu povo, constituído por todas as fações. Mas a grande História é uma espécie de “tais” cujos fios que o tecem são as histórias dos seus habitantes. E cada timorense é uma espécie de biblioteca ambulante, um *Lia-Naim* carregado de histórias, as suas, as da sua família, as da sua *uma-lulik*, as do seu reino, as da sua tradição. É o caso da de *Pontiana*, que acompanha o percurso de Amadeu, levando-o a dormir de modo a ocultar o coração, para não ser apanhado desprevenido; dos indivíduos que procuram revoltar-se contra a ocupação portuguesa, como Malisera ou o Cristo de Manumera, acabando prisioneiros em Ataúro, da Nona de Batávia, do Navegador Solitário.

Mas Timor é também uma espécie de palco inusitado onde se cruzam universos radicalmente opostos: a História e as histórias; o mito e a realidade;

o tradicional e o moderno; o autêntico e a cópia; o sonho e o pesadelo; o local e o global, o agora e o sempre, o ontem e o hoje.

A casa de Amadeu, bem como a sua família e vizinhos próximos, ilustram bem estas dicotomias, quando os ursos de peluche da filha, resultado das deslocções ao estrangeiro, se revelam completamente desadequados em relação ao contexto onde surgem. As próprias sandálias de Carolina, convertidas em personagens e a quem é até concedido o estatuto de narração do romance, são o exemplo mais gritante do desajuste que perpassa parte significativa da obra e das personagens. Demasiado grandes para a dona, parecem sair fora do tempo, funcionando como uma meta longínqua, um sonho por realizar, como a independência, o final feliz com que muito poucos se atreveram a sonhar (Cardoso, 2013: 244).

Amadeu vive uma vida dupla, tentando sobreviver à ocupação. Faz negócio com os ocupantes, mas colabora com a resistência, ajudando a esconder os combatentes. Participa numa missão na Áustria, do lado dos integracionistas, de conversação com vista à reconciliação, não tendo, apesar disso, qualquer expectativa positiva, dando-se conta de que a mesma constitui um golpe de teatro levado a cabo pelas forças ocupantes.

Aliás, a narrativa está plena de vidas incompletas, inacabadas, por cumprir, uma espécie de sina timorense. Catarina, personagem recuperada do romance anterior de Luís Cardoso, é amputada na sua relação maternal com o filho roubado, condenada socialmente e marginalizada. Aurora, por seu turno, vive na fronteira entre tempos e gerações, aguardando o regresso do marido do mato, recusando-se até a morrer na teimosia da espera (essa teimosia tão timorense!).

Sakunar ou Atói é outra dessas personagens complexas, em processo de construção. De identidade plural, ambígua até, um pouco como o país a que pertence, muda de campo várias vezes, procurando, sobretudo em momentos de crise, sobreviver entre destroços. O seu comportamento e atuação parecem pautar-se por valores contraditórios, invalidando julgamentos lineares e leituras unívocas.

Assim, por trás de cada indivíduo parecem existir várias vidas, a que correspondem outros tantos nomes, numa visão caleidoscópica e plural do universo humano. Pigafetta, o sacristão manu-feto, a Diva, é outra dessas person-

gens singulares, pela sua hibridez identitária, ao nível físico, pela sua condição de albino, mas também sexual, comportamental, decorrente da sua origem, ligando-se ao cronista da viagem de circum-navegação. Raio de Luz, o clandestino, ou Tio Américo/Tio Americano; Isadora, Nona de Batávia, órfã de pai, abandonada pelo marido, sem filho, entretanto roubado, mãe das gémeas Ema e Uma; a zeladora Josefina, dividida entre o jejum e as orações e o quarto secreto das vaidades e pequenas luxúrias, são outras personagens marcadas por traços contraditórios, uma curiosa galeria de indivíduos que ilustra bem a variedade e a diversidade que percorre o romance. De alguma forma, são todos eles, homens e mulheres, novos e velhos, integracionistas e independentistas, vítimas e carrascos, que constroem a identidade timorense, apelando implicitamente a uma ideia de inclusão que não passa pelo apagamento do passado ou pelo branqueamento dos crimes aí cometidos, mas pela sua aceitação como parte do legado sobre o qual é preciso (re)construir um país e um povo.

O jogo de máscaras que estrutura o romance e que se mantém fiel até ao final é revelador da problemática da identidade das personagens, simbólica também na medida que se estende ao território. A existência de duplos das personagens, com diferentes funções, decorre quer da cisão do eu, quer da necessidade de ocultação/simulação decorrente da instabilidade que o país atravessa.

A alternância de vozes em primeira pessoa, dominada pela singular perspectiva narrativa da sandália esquerda, a do coração, permite entender cada um dos indivíduos convocados, reconhecendo-lhe voz e estatuto, retirando-o do silenciamento e da marginalização. Neste processo, têm particular relevo as vozes e os universos femininos, tradicionalmente subalternizados na cultura patriarcal dominante. Neste sentido é claramente determinante (e nada inocente) que várias gerações de mulheres, personificadas em Carolina, Julieta, Aurora, Isadora, de diferentes estatutos e contextos, ganhem relevo narrativo, assumindo o seu “eu” e permitindo iluminar lugares e pontos de vista habitualmente esquecidos.

*Para onde vão os gatos quando morrem* (2017), o mais recente romance do escritor, é um volume que, recuperando alguns dos elementos mais constantes da sua poética, como a centralidade da infância e do crescimento na construção identitária, a localização da ação em Timor-Leste, mais concretamente em Ataúro, a ilha da ilha, a reflexão sobre o país, o seu passado e devir, mas também a sua condição, não deixa de ilustrar uma assinalável evolução, quer

em termos temáticos, quer narrativos, explorando as potencialidades questionadoras das técnicas do encaixe, da *mise en abyme* e da autorreferencialidade.

São, contudo, os paratextos alógrafos, respetivamente um prefácio e um posfácio, que surpreendem o leitor, atendendo não só à opção por incluir os dois, mas sobretudo por recorrer a esta estratégia legitimadora vários anos após a sua estreia literária. Aliás refira-se que o volume inaugural é precedido de um prefácio de José Eduardo Agualusa que apresenta o autor e a sua singularidade, enquanto, no último romance, estes paratextos não chegam a cruzar-se totalmente com a leitura da obra que apresentam ou comentam, criando mais estranhamento ou surpresa do que curiosidade.

O romancista retorna ao tema da identidade, centrando a narrativa nas experiências estruturantes da infância, neste caso marcadas pela ausência da mãe e pela negligência afetiva do pai. A infância, conotada com a perda e o abandono de que o narrador é alvo, resulta numa espécie de estado primordial, simbolicamente ligado à criação do mundo e à própria condição do território timorense, com a qual a história de Ernesto se confunde. As influências cruzadas de polos opostos que procuram servir de substituto às figuras maternas, como Silêncio e Beatriz, os livros e as leituras marcantes, construtores de identidade e de referências, ancorando o narrador a um tempo e a um espaço precisos, o seu deambular pelo mundo, à procura de si próprio e do seu lugar, mas também das suas origens e destinos, refletem a condição itinerante de Ernesto, uma espécie de personagem à deriva, “entre enganos, dúvidas e incertezas” (Cardoso, 2017: 19). A história de Timor da última metade do século XX (com particular relevo para a transição da Ditadura para o regime democrático<sup>5</sup>, mas também a invasão indonésia e as suas consequências) volta a servir de pano de fundo a uma narrativa onde as viagens, interiores e físicas, voluntárias e forçadas, breves e muito longas, de partida e de regresso, espelham as demandas incessantes do narrador e do território pelo seu lugar no mundo. Enquanto narrativa da criação e construção do mundo de Ernesto, com aproximações várias ao texto bíblico<sup>6</sup> (uma espécie de intertexto sempre presente nas memórias do autor) e ao romance autobiográfico de Miguel Torga, *A Criação do Mundo*, com o qual dialoga assiduamente, mi-

<sup>5</sup> O 25 de Abril é referido na página 188.

<sup>6</sup> Desde a numeração dos parágrafos como versículos, às alusões a episódios concretos, como a Arca de Noé, transformada em veleiro propriedade de Chong.

metizando, até, etapas do percurso do médico escritor, nomeadamente em Trás-os-Montes e em Paris, por exemplo. Aliás, a sugestão da própria escrita como atividade criadora de mundos, surge expressa no romance, quando Beatriz se despede do narrador à chegada a Díli: “Lembrou-me, antes de me dar o beijo de despedida, de que eu devia criar também o meu próprio mundo – Para não ires ao fundo! se Deus resolver inundar novamente a terra com água.” (Cardoso, 2017: 173)

Revelando afinidades com o romance pós-moderno, em particular a metaficção historiográfica, pela fragmentação narrativa e discursiva, pelo questionamento e reflexão sobre a História, problematizando os discursos oficiais e propondo outras leituras para os acontecimentos, pelo seu carácter ucrónico no tratamento do tempo, estes dois romances aqui brevemente analisados não se esgotam numa única leitura, até porque muitas das características da escrita do autor aqui identificadas não resultam da sua “adesão” a correntes literárias ou a tendências estéticas, mas do próprio contexto e pensamento timorenses, onde os tempos, por ação dos ritos, se atualizam e misturam, onde a palavra é ação, convocando memórias, indivíduos, seres e acontecimentos extraordinários. Ler cada um dos romances de Luís Cardoso é, por isso, uma oportunidade única de ter acesso privilegiado a uma cultura e a um universo singulares, uma espécie de viagem ou vertigem no espaço e no tempo ao imaginário timorense construído entre a realidade e a magia, resgatando do esquecimento, por via da literatura escrita, uma memória e um povo, mas também construindo, através dessa mesma literatura e do romance, o seu futuro e a sua identidade.

## Considerações Finais

Dividida em três fases (Ramos, 2012b), a evolução do sistema literário timorense está associada, primeiro, à recuperação, reescrita e revisitação da literatura tradicional oral, a que se junta, a partir da ocupação indonésia, o crescimento do relevo do texto lírico de resistência e intervenção política, a maior parte escrito e editado na diáspora, e, mais tardiamente, a consolidação da narrativa ficcional, sobretudo ligada à figura tutelar de Luís Cardoso, romancista premiado e traduzido em várias línguas e países, autor de uma obra consistente, responsável pela construção de uma identidade literária timorense.

João Aparício é, como vimos, autor de três volumes<sup>7</sup> de poesia publicados em Portugal, dois sob a prestigiada chancela da Caminho (coleção Caminho da Poesia): *À Janela de Timor* (1999) e *Uma Casa e Duas Vacas* (2000), e mais um, na Lidel, *A Neta do Almirante* (2014). Nos volumes em apreço, são revisitados universos ligados à história de Timor-Leste, recriando alguns dos acontecimentos mais relevantes das últimas décadas, com especial atenção para os anos da ocupação indonésia. A exaltação do espírito e da ação de resistência, assim como alguns dos seus principais mentores, são eixos centrais de muitos textos percorridos igualmente pelos motivos do sofrimento e da dor de um povo que, apesar do isolamento, nunca se deixou subjugar. Assim, é possível encontrar textos que quase escrevem a crónica dos dias da ocupação, registando – e denunciando – a violência, os massacres, as injustiças, mas cantando também os combates e as pequenas vitórias, testemunhos da esperança na singular coragem dos timorenses. Esta dimensão interventiva é atenuada no volume de textos mais recente, que recupera as ligações às paisagens e às gentes, sem deixar de estar atenta ao contexto e às vivências contemporâneas.

18 A sucessão de romances de Luís Cardoso, a que se juntou muito recentemente mais um volume, intitulado *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017), revela a construção gradual de um imaginário particular, em diálogo com múltiplas heranças cruzadas, questionadas e reescritas. Os seus romances dão conta de um percurso sustentado de problematização de questões de identidade (nacional, cultural, linguística, religiosa...), situando-se geográfica e culturalmente no espaço timorense, passado e presente, mas estabelecendo pontes com outras realidades próximas e distantes. A descoberta da identidade pessoal, em particular os anos de formação e de aprendizagem, cruza-se, com o percurso e a deriva do próprio território timorense, um espaço náufrago e deambulante, construído nas próprias hesitações da História. Em todos os romances de Luís Cardoso é visível o destaque concedido ao contexto timorense, sobretudo em termos físicos, com a paisagem, a peculiar geografia, a fauna e a flora e os indivíduos, e também simbólicos, como acontece com as múltiplas línguas e culturas, incluindo tradições, imaginários e mitos, convergindo num exíguo espaço onde se manifestam múltiplas e multifacetadas identidades, a que se juntam miscigenações várias.

---

<sup>7</sup> O poeta, que nasceu em Díli, em 1968, é também autor, sob pseudónimo de Kay Shaly Rakmabeau, de *Versos do Oprimido*, acessível em [http://amrtimor.org/docs/visualizador.php?bd=Documentos&nome\\_da\\_pasta=06467.200&numero\\_da\\_pagina=1](http://amrtimor.org/docs/visualizador.php?bd=Documentos&nome_da_pasta=06467.200&numero_da_pagina=1)

Em termos globais, a análise aqui brevemente encetada deixa evidente o estado atual da literatura timorense publicada em língua portuguesa, circunscrita a um número reduzido de autores, praticamente todos a publicar em Portugal. Passado o período de resistência à ocupação indonésia, a produção lírica sofre um vazio de temas e de autores que, anteriormente ligados à intervenção e à resistência, não continuaram a escrever ou, pelo menos a publicar, com a exceção de João Aparício. A emergência da literatura timorense e a construção da sua identidade individual estava diretamente ligada com os textos de denúncia e de intervenção, estruturantes para a afirmação da sua singularidade, sendo agora um momento de busca de novos rumos e temas, de que a *A neta do almirante*, é um exemplo. No caso da narrativa, o romance contemporâneo timorense confunde-se com a figura tutelar de Luís Cardoso, em cuja obra é possível descobrir um Timor literário, feito de memórias revisitadas e reconstruídas, construído para além da geografia, da História e da sua cultura, mas dialogando poeticamente com todas as referências de cariz mais factual. A mestria no cruzamento das linhas de força do romance contemporâneo, fragmentado, questionador, autorreflexivo, com a herança reconfigurada pela distância e pela memória das heranças da tradição timorense fazem deste escritor o melhor e mais perfeito exemplo daquilo que será, no futuro, toda a literatura timorense em língua portuguesa.

19

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro

## Referências bibliográficas

### Bibliografia ativa

Aparício, João. 1999. *À janela de Timor*. Lisboa: Caminho.

Aparício, João. 2000. *Uma Casa e Duas Vacas*. Lisboa: Caminho.

Aparício, João. 2017. *A neta do almirante*. Lisboa: Lidel.

Cardoso, Luís. 2013. *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Lisboa: Sextante Editora.

Cardoso, Luís. 2017. *Para onde vão os gatos quando morrem*. Lisboa: Sextante Editora.

## Bibliografia passiva

- Cruz, Cidália. 2012. *Sou nada ou nada sou?*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Cunha, Carlos M. F. 2009/2010. “A questão da ‘especificidade’ do pós-colonialismo português”, em *VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas*. Braga: Universidade do Minho. [http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Pub\\_Carlos\\_Cunha%20.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Pub_Carlos_Cunha%20.pdf) [Consulta: 10/10/2017]
- Esperança, João Paulo. 2005. “Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor”, em *Mealibra – Revista de Cultura*, série 3 (16), p. 131-134.
- GLIFO (s/d). “Dominación”, em *Diccionario de Termos Literarios. Centro Ramón Piñero para a Investigación en Humanidades*. [http://www.cirp.gal/pls/bal2/f?p=106:2:10005973802229530512::NO:2:P2\\_TERMOS:dominación](http://www.cirp.gal/pls/bal2/f?p=106:2:10005973802229530512::NO:2:P2_TERMOS:dominación) [Consulta: 9/10/2017]
- Gonçalves, Zetho Cunha. 2010. “Prefácio a uma Antologia do Conto Africano”, em <http://www.buala.org/pt/a-ler/prefacio-a-uma-antologia-do-conto-angolano> [Consulta: 12/10/2017]
- 20 Mcleod, John (ed.). 2007. *The Routledge Companion to Postcolonial Studies*. London/ New York: Routledge.
- Mendonça, Fátima. 2010. “Literaturas emergentes, identidades e cânone”, em <http://www.buala.org/pt/a-ler/literaturas-emergentes-identidades-e-canone> [Consulta: 12/10/2017]
- Ramos, Ana Margarida. 2012a. “Da resistência política à libertação amorosa: eixos temáticos da poesia de Fernando Sylvan”, em *Ellipsis - Journal of the American Portuguese Studies Association*, 10, pp. 141-159.
- Ramos, Ana Margarida. 2012b. “Literatura timorense: da emergência à legitimação”, em *Caderno Seminal Digital*, 18. Rio de Janeiro: Dialogarts, pp. 149-160. [http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos\\_seminal/18\\_CADERNO%20SEMINAL%20TEMATICO%202012-2\\_FINAL.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_seminal/18_CADERNO%20SEMINAL%20TEMATICO%202012-2_FINAL.pdf) [Consulta: 9/10/2017]
- Santos, Boaventura Sousa. 2001. “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. Em *Entre Ser e Estar – Raízes, Percursos e Discursos da Identidade* (org. Irene Ramalho e António Ribeiro). Porto: Afrontamento, pp. 23-85.